

## ***Apresentação***

O autismo ocupa um lugar privilegiado no cenário onde atualmente se debatem os novos paradigmas da psicopatologia, ou seja, está determinado pelo fato de que se encontra tanto na borda da viabilidade de um sujeito, quanto na borda das variantes orgânicas que incidem sobre o psiquismo. Num equilíbrio instável, variável e indeterminado, tanto a sua etiologia quanto sua abordagem terapêutica, balança entre o orgânico e o psíquico trazendo novamente à tona - nas vertentes reducionistas - o dualismo “mente – corpo” que se acreditava por fim superado. As vastas e rigorosas demonstrações, tanto no campo da psicanálise quanto no campo da genética e das neurociências, da recíproca incidência das transformações entre ambos os domínios parecem não ser suficientes para elucidar o modus operandis da causalidade. Episódios recentemente vividos demonstram até que ponto “quando uma prática não logra se sustentar pelos princípios de sua ética acaba se degradando no exercício de um poder” (Lacan, J.). É por isso que, em lugar de entrar numa guerra de lobbys e domínios oferecemos esse dossiê, como vetor que contribua a esclarecer em que se fundamenta e em que direção se orienta a prática da psicanálise quando se trata do autismo.